A SENHORA RATTAZZI

A SENHORA

RATTAZZI

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON, EDITOR

PORTO E BRAGA

—

1880

A Senhora Rattazzi

EPOIS de estudar os portuguezes e as portuguezas com frequentes visitas celebradas por *menus* economicos e risos de ironia larga, a snr.ª Rattazzi concebeu das suas impressões viris e masculas um livro que deu á luz em janeiro, e denominou PORTUGAL À VOL D'OISEAU. PORTUGAIS ET PORTUGAISES.

Eu, creado no velho noticiario, tendo de an-

nunciar o producto d'uma dama dado á luz, antes quizera, em vez d'um livro bom, annunciar um menino robusto. Acho muito mais sympathica a feminilidade das mães pallidas, com olheiras, emaciadas, que aconchegam dos seios exuberantes a criancinha rosada, recem-nascida. Não me commove nem alvoroça o espectaculo d'uma authora que se remira e envaidece na brochura que deu á luz, obra entre cinco e sete tostões — 740 reis com estampilha. Por isso, antes quero noticiar um menino robusto que um *oitavo* compacto.

Principia a snr.ª Rattazzi por declarar com raro entono *que conta e pinta o que viu sem deferencias pessoaes nem preoccupações do que a seu respeito se possa dizer ou pensar*. Bom é isso. O menospreço que a escriptora liberalisa á opinião publica portugueza permitte á critica o dispensar-se de grandes melindres. Á vontade.

Se alguem me arguir de bastante descosido no exame do livro, queira lêl-o com paciente pa-

chorra, e verá que eu bispontei sobre os alinhavos atrapalhados da senhora princeza. Se me acharem um pouco em mangas de camisa, façam-me o favor de vêr que a *shocking* irlandeza nos visita de penteador de rendas transparentes e chinelinha de chinchilla.

Calumnía, apenas começa, affirmando, contra o caracter d'esta boa gente portugueza, que D. Pedro v, e os infantes D. Luiz, D. João e D. Augusto foram atacados do *typho-arsenical* — envenenados. Uns morreram. D. Augusto ficou atarantado, mas com graça — uma timidez *non dépourvue de charme;* e D. Luiz, esse, teve *de la chance:* — que duas vezes fôra preservado da sorte de Britannicus. Exceptuados os gremios palurdios d'algumas boticas de provincia, ninguem hoje repete semelhantes atoardas. Quando quizeram por odio politico enlamear a reputação immaculada d'um duque, desembéstaram-lhe o venabulo ao rosto sereno. A calumnia cahiu então, e levantou-se agora na indiscreta obra mexeriqueira da snr.ª Rattazzi.

Avaliando o clero portuguez, manda lêr o CRIME DO PADRE AMARO. Um romancista habil engenhou um padre mau que afoga um filho, uma perversidade estupida e quasi inverosimil em Portugal, onde os padres criam os afilhados paternalmente. Eis, segundo ella, o typo da clerezia portugueza, o *padre Amaro*. A snr.ª Rattazzi geme escandalisada sobre a corrupção do sacerdocio, e cita o romance.

Do clero naturalmente deriva para o culto. A respeito do S. Jorge da procissão de Corpus-Christi, a princeza espirra fagulhas de espirito forte, d'um voltairismo sediço, com um desplante extraordinario em mulher. Não se cohibe de gracejar com o symbolismo sempre respeitavel quando inculca, seja como fôr, uma religião e uma moral — cousas consubstanciaes. Não a retém a senhoril e prudente moderação de Staël e Sand, e sobretudo o feminil decoro de viuva duplicada, de mãi e de velha, embora os atavios façam pirraça á chronologia. Moteja das pompas religiosas no tom das *turlupinades* da petrolista

André Léo, e arma á risada com facecias d'um alumno da escóla-militar que leu o TESTAMENTO DE JEAN MESLIER e o CITADOR de Lebrun. Mulher irreligiosa é uma razão perdida no vacuo da consciencia; mas a que faz praça da sua incredulidade é cousa repugnante, tanto monta ouvil-a na sala como na taberna. Sobre materia intrincada de cultos, presume que o enigma poderia ser resolvido pelo bispo de *Visens,* Alves *Martius.* Este nome está bastante corrompido para se pensar que o prelado de *Visens Martius* é um bispo mosarabe, coevo do duque de *Lafœs,* com diphthongo.

Deturpar nomes de bispos e duques pouco importa; é muito peor divulgar, ácerca das realengas aspirações d'uma duqueza benemerita de respeito, umas chocalhices cochichadas nas salas, mas nunca escoadas pelo esgôto da imprensa séria. Allude em termos esbandalhados de actriz patusca ao duque, marido d'essa duqueza, e attribue ás barrigas das senhoras portuguezas um exquisito predominio abdominal so-

bre os esposos. Umas *pochades* de nenhum modo senhoris, *can-can* de sobre-loja entre costureiras que bebem do fino e teem namoros nas cavalhariças do paço.

Do duque de Saldanha repete anecdotas chinfrins que põem gargalhadas sobre a campa do bravo caudilho a quem D. Pedro IV agradeceu a corôa de sua filha. E o duque de Saldanha — conta a princeza — apresentou-lhe a esposa no seu palacio d'ella em Antin. Assim zomba a snr.ª Rattazzi dos seus amigos mortos e matraquêa Saldanha que a visitava, quando o *Figaro* a escarnecia e Pelletan lhe desenhava o perfil na NOUVELLE BABYLONE.

Está a caracter quando, annotando um artigo espirituoso do *Pimpão,* explica á Europa o que é o «Perna de pau» e a «Horta das tripas» (*Jardin des tripes*). Falla muito de *faguêtes* que a incommodam, e diz que *Vm.*^cê^ é o diminutivo de *V. Exc.*ª Investigando a linguistica, observa que não dizemos *o* rei, mas *el*-rei; e que o *el*

é recordação mourisca e vestigio da occupação dos arabes. Confunde o artigo hespanhol *el* (do latim *ille*) com o artigo arabico *al,* prefixo a muitas palavras portuguezas. As *Therezas philosophas* são muito mais vulgares que as Therezas philologas. Diz que o nosso *ai Jesus!* tambem é musulmano, e o *se Deus quizer* tambem é vestigio arabico. É uma mulher das arabias, ella!

Penetra na vida intima dos portuguezes, no segredo dos seus amores castos, amor que só os olhos exprimem. Não gosta. Acha isto semsaboria, e chama-lhe *paixão è olhadas,* para exprimir bem portuguezmente a cousa. Á *Casa Havaneza,* onde se refastelam muitos dos taes «apaixonados das olhadas», chama *clubo des bavards.* Diz que em Portugal as meninas de doze annos tem *olhadas* e carteiam-se. Acrescenta que é rara uma mulher galante portugueza; mas que os homens são, na generalidade, bonitos e bem feitos — *beaux et bien faits.* Isto captiva a gente. Contou alguem á princeza a historia fresca de um velho par do reino «que se lambia» dizendo a

paixão que inspirára a uma joven que só á beira d'elle sentia o lyrismo e as delicias do amor. A snr.ª Rattazzi espantou-se, e do velho idiota inferiu que em Portugal todos os velhos se lambiam d'amor.

Foi aos touros; viu os *capêlhas* portuguezes, e os *torreros* e os *forçados* (forcados) que ella diz assim chamarem-se, *forçados,* porque *forçam* os applausos. Está em primeira mão esta sandice. (Se o leitor quizer corrigir a minha indelicadeza, onde está *sandice* leia *sandwiche*). Nos theatros da *Trinidade* e do *Principo,* desagradou-lhe o pessimo costume de *pateader.* Diz que as obras do theatro de S. Carlos foram dirigidas por *Santo Antonio da Cruz Sobral.* Lá fóra ha de cuidar-se que temos um *Santo Antonio de Lisboa* para os milagres e outro *Santo Antonio da Cruz* para os theatros.

Sobre politica decifra alguns artigos bons do *Pimpão* e guiza varias beldroegas de sua lavra. Entra bem na questão financeira, na fiduciaria,

dos Bancos, no escandalo das loterias e do jogo. Faz um moral opusculo em assumpto de rolêta.

Tratando de jornaes, traslada e traduz annuncios aphrodisiacos do *Diario de Noticias,* e diz que o snr. Thomaz Antunes é *moco fidalgo.* O snr. Antunes não é *fidalgo moco;* tem a cedilha: saiba-o a França. Do *Jornal da Noite,* escreve que A. A. *Texero* de Vasconcellos noticiava principalmente anniversarios e nascimentos, dava a lista dos numeros mais premiados na loteria, e d'isso ia vivendo. Assim atassalha a snr.ª Rattazzi a reputação jornalistica do mais rijo pulso athleta que teve a arêna dos gladiadores politicos — o rival de A. Rodrigues Sampaio. Nem A. Augusto era outra cousa. Logo veremos como ella conceitua socialmente o seu conviva e panegyrista.

Menciona como collaborador da *Correspondencia de Portugal* o snr. Rodrigues de *Treitas.* Se lhe chama *Tretas* ao illustrado e honesto republicano, merecia uma descompostura.

Tambem versa a questão cornigera dos gados, *des bestiaux*. Louva, ao intento, um Relatorio do snr. conselheiro *Morres* Soares. Morres? Longe vá o agouro. Desejo que o snr. Moraes Soares viva muitos annos, para nos dar muitos relatorios sobre *bestiaux,* e mais occasiões a que esta princeza se occupe das nossas vaccas — objecto em que é ella a unica senhora concorrente com as leiteiras saloias.

Em uma pagina util e talvez a unica proveitosa aos viajantes, informa ácerca dos hoteis. Diz que no «Hotel de Lisbonne» ha muitos ratos; no «Alliança» persevejos; e no «Gibraltar» *baratos* (não confundir preços *baratos* com «baratas», ou «carochas»). Depois d'esta asseveração impugnavel, esteia a sua affirmativa em uma passagem do *Cousin Bazilio* onde se lê que em Lisboa ha persevejos. Luxo escusado de erudição. Os persevejos em Lisboa são d'uma tamanha evidencia fetida e mathematica que se dispensava o testemunho do snr. *Eca de Queroz* que vem citado como Plinio para os lacráos, e Livin-

gstone para a *Tsetse-fly,* mosca mortifera da Africa.

Espanta-se dos muitos Burnay que em Lisboa exercitam varios ramos de industria. Acha que a Lusitania, n'este medrar de Burnay, virá a chamar-se *Burnaisie.* Depois escreve: *Il faut mentionner, ne fût ce que pour faire contraste, les Gallegos à cotê des Burnay. Les uns exploitent, les autres sont exploités.* Esta princeza, com quem o snr. Ramalho trocou o seu francez parisiense, de certo ouviu dizer ao festejado escriptor que a familia Burnay é um grupo de homens honrados e laboriosos que não se pejam de ser defrontados com outros homens honestos e trabalhadores embora procedam da Galliza; mas não exploram: trabalham e colhem, quando lh'o não desfalcam, o estipendio honesto das suas fadigas.

Esteve a snr.ª Rattazzi em *Pedroncos* e *Massa.* O leitor que já lhe conhece o processo da orthographia geographica, entende que ella

esteve em Pedrouços e Mafra. Exhibe as vulgaridades obrigatorias, e dá-nos a noticia inedita e lisonjeira de que Byron chamou a Cintra *glorious Eden.*

Espeta-se na historia da litteratura portugueza, lamentando que não haja uma grammatica official. Ha dez ou doze officialmente approvadas; mas não é isso que a snr.ª Rattazzi pretende: quer uma grammatica official, uma cousa em que os poderes legislativo e moderador decretem positivamente o que ha sobre o gerundio e o participio indeclinavel. Depois, estabelece a fileira dos escriptores classicos, e manda lêr as Cartas de Marianna de *Alcofarrada.* Infausta freira! um francez atormentou-lhe o coração: e uma irlandeza martyrisou-lhe o appellido. *Alcofarrada!* Credo!

Trata dos *Autos,* mysterios christãos posteriores ás *judarias* — uma perfeita judiaria d'esta litterata; — e conclue que as melhores peças do theatro moderno portuguez são a *Nova Castros*

de João B. Gomes, e a *Osmia* da condessa de Vimieiro. Convém saber que o Gomes e a condessa estão enterrados ha bons 70 annos. Tem este modernismo.

Em seguida, põe á frente do progresso dramatico José Freire de Serpa, Alexandre Herculano, e mais o snr. Ennes. Estão bem postos todos tres.

Entre os oradores especifica o conde de *Thomaz;* e, como Manoel Passos dava eloquencia a dous, fez d'elle dous oradores — um orador *Silva,* e outro orador *Passos.* Diz que Rodrigues Sampaio é o primacial do jornalismo litterario; não chega a attribuir-lhe algum soláo. Quanto a Almeida Garrett, escreve que era um catholico cheio de fé e sem philosophia, e por isso não fez escóla nem discipulos. Idéas parvoinhas do snr. Theophilo Braga.

Conta que Alexandre Herculano viera em 1836 da emigração que lhe inspirára a HARPA

do Crente. A emigração o mais que inspirava era bacamartes de bocca de sino, não era harpas de crenças. Que Alexandre Herculano, antes de emigrar, estivera ao serviço de D. Miguel — *qu'il avait servi d'abord*. E, no restante, as idéas do snr. Ramalho expendidas nas Farpas, mas um pouco deturpadas. Aquelle grande homem, Herculano, segundo conta a snr.ª Rattazzi, visitou-a e levou-lhe os seus livros. Diz ella que foi a ultima visita que fez o eminente escriptor. Se isto é verdade, foi a ultima e talvez a primeira asneira da sua vida.

Contra Castilho, faz-se echo das inepcias do snr. Theophilo Braga: — que elle conhecia imperfeitamente as linguas de que *traduisait, traduisait, traduisait*. Castilho aos vinte annos fazia versos latinos como Virgilio e francezes como Lamartine.

Tagarellando contra os classicos, a boa da romantica diz que surgiram em Coimbra os dissidentes da velha escóla. Os dissidentes eram

Rebello da Silva, Mendes Leal, Latino Coelho e Lopes de Mendonça. Sim, estes innovadores sahiram de Coimbra com o estandarte da rebellião arvorado. Ora, Rebello da Silva, como o reprovassem em latim, não voltou a Coimbra; Mendes Leal e Latino Coelho nunca frequentaram a universidade, e Lopes de Mendonça não sei se chegou a matricular-se em mathematica. D'este infeliz luctador, submerso em trevas quando as espancava com vertiginosa ancia de luz, diz a ignorante que *elle consumira a maior parte da mocidade em dissipações.* Meu pobre amigo, tu que aos quinze annos trocavas por pão escasso os teus primeiros lavores, não merecias ser apontado como victima de tuas dissipações.

Contra Mendes Leal, a casquilha poetisa em annos de prosa ejacula injuriosas calumnias de plagiatos, e accusa entre os livros d'este escriptor verdadeiramente polygrapho o CALABAR, um romance em que Mendes Leal declara que parte do seu livro é imitação. O author da HE-

*

RANÇA DO CHANCELLER, a meu vêr, nas suas occupações diplomaticas em Paris, não tem tido vagar para attender ás princezas vadias.

De Rebello da Silva conhece *Odio, Velho vraô cauca,* e a «Ultima corrida de touros *reas em Salvatorra*». É um bom titulo para uma simulcadencia muito forte, peninsular, talvez vestigio arabe. A snr.ª Rattazzi, que assim escréve a lingua portugueza, propõe-se traduzir a HISTORIA DA INQUISIÇÃO de Herculano. Em inquisição de torturas vai ella pôr a pobre lingua, que ainda assim possue uma palavra energica para interpretes d'este quilate. Byron, encantado com a sonoridade do termo, transmittiu-o como mimo philologico ao seu amigo Hodgson. Ella que o fareje. Está na carta 37.ª da collecção de Thomaz Moore — bom documento ethnologico que esqueceu ao snr. Alberto Telles no seu interessantissimo livro LORD BYRON EM PORTUGAL.

As insolencias que desembésta á cabelleira de Bulhão Pato como se explicam? Ella, prefa-

ciando um drama que peorou com o seu francez, disse que Alexandre Herculano escrevêra um opusculo contra o imperador do Brazil, e que o imperador, sem embargo da offensa, vindo a Portugal, visitára Herculano. A snr.ª Rattazzi, muito admirada, perguntou, em Paris, ao imperador que lhe contára o caso da offensa e da visita: «Visitou Herculano, Sire?» E D. Pedro II respondeu com um sorriso fino: «Sim, de certo, visitei-o. Deveria eu castigar-me a mim por comprazer com o meu despeito?»

Leu isto Bulhão Pato, e sahiu honrada e severamente contra a calumnia; e vai ella agora, no livro PORTUGAL *a vôo de pássara,* explica o prefacio da comedia dizendo que se enganou — porque lia muita cousa — attribuindo as FARPAS a Herculano; e acrescenta que o imperador não lhe emendára o *blunder,* o equivoco desgraçado, ouvindo-a sem lhe corrigir o erro. Mas a snr.ª Rattazzi, no tal prefacio sarapantão, diz que o proprio D. Pedro II lhe contára que elle, offendido, visitára o offensor: *Don*

Pedro me l'apprit lui même à l'hôtel d'Aquila. Uma trapalhona!

Bulhão Pato emendou a parvolêza da snr.ª Rattazzi; e ella, em vez de se agachar contrita na humildade das tolas consciencïosas, ergue-se nos tacões *benoiton,* e faz chalaças de *estaminet* entre dous *petits-verres de anisette.*

Dos meus futeis romances tambem chalacêa e não anda mal;—que todos os meus livros se adivinham do terceiro em diante: um brazileiro, um namorado sentimental, e uma menina em convento. Cita quatro novellas, e por casualidade nenhuma d'ellas tem *brazileiro;* porém, quanto a namorados, são tantos que nem a senhora princeza é capaz de ter tido mais.

No merito de *Julio Diniz* faz os descontos que o snr. Ramalho lhe incutiu. Tenciona fallar de Soares de *Posses,* poeta portuense, cuja elegia do *sepulchro,* diz ella, se canta nas ruas. Exalta o snr. T. Braga que escreveu a *Visão*

das tempes, e *As tempos tades sanoras,* a «Historia do *direitor* portuguez», e os «*Tracos* geraes da philosophia *positivia*». Não se sabe se quer dizer *Traços* ou *Trancos;* talvez seja *Tratos,* ou mais provavelmente *Trapos*, se não fôr cousa peor. Seja o que fôr, pertence á philosophia *positivia.*

Diz que o snr. Luciano Cordeiro é um dramaturgo original: parece que a originalidade do snr. Luciano Cordeiro está em não ter escripto drama algum.

Reflexionando conspicuamente sobre a nossa deploravel instrucção publica, sahe-lhe de molde contar que nós, os portuguezes, a um brazileiro que passa chamamos *macaca.* Que o brazileiro vai passando, e nós dizemos: *É una macaca.*

Não é tanto assim; não se lhe desfigura o sexo. Se a princeza, ao passar, ouviu dizer: *é una macaca,* isso não era com o brazileiro.

E a proposito de *macaco:*

Tendo esta dama escripto lisonjeiras cousas da gentileza e bonito feitio dos homens portuguezes, exceptuou caprichosamente um criado do Hotel Mondego, o *José Macaque.* Diz que elle tem uma *fealdade socratica.* Eu não affirmo que José Macaco seja um galan com o perfil de Bathylo de Samos nem os tres quartos do Cupido de Corregio. Anacreonte de certo lhe não toucaria as louras madeixas de pampanos e rosas de Teos, nem me persuado que Sodoma ardesse por causa d'elle ou de mim. Assim mesmo, sem algum motivo estranho á plastica, a princeza Maria Letizia, indisposta com José Macaco, não lhe perpetuaria no seu livro como em um bronze de Esopo, a fealdade. Devia de haver uma causal esthetica para injuria tão desproporcionada com as culpas arguidas a José Macaco. Sua alteza não o baldeava á zombaria dos seculos porvindouros pelo delicto de lhe não servir *mayonnaise de lagosta à la gele,* nem *mexilhões á provençal.* Indaguei, por intermedio d'um meu

amigo em Coimbra, quaes as causas ingentes dos odios assanhados pela Discordia ignivoma, como diria Homero, entre Macaco e Princeza. Tentaria ella como o hediondo Thersites da ILIADA arrancar com suspiros absorventes os olhos meigos da nova Pantasilea? Trato de averiguar. Se a resposta não vier a tempo, dar-se-ha em appendice supplementar

Trata com amoravel equidade o snr. G. Junqueiro. Acha-lhe bellas cousas no seu *don Jooâ,* e que realça no estylo menineiro, *enfantin.* O snr. Junqueiro, se bacorejasse este obsequio, não mettia na sua VIAGEM Á RODA DA PARVONIA uma *Princeza Ratazana,* «em toilette myrabolante, cheia de pedrarias e plumas». A princeza Ratazana da farça dá um jantar a lyricos e satanicos, e canta:

É um paiz singular
A patria dos malmequeres!
Póde-se dar um jantar
Ficando os mesmos talheres.

Mas os convivas, a quatro libras por cabeça, — o snr. Guerra, *gratis* — põem-se nas flautas, e ella abysma-se no buraco do ponto. A troça está impressa. Guerra Junqueiro vingou A. A. Teixeira de Vasconcellos.

Este escriptor, prodigo de gabos e cortezias aos seus collegas, houve-se cavalheirescamente com a princeza. Fez folhetim heraldico da sua raça corsa, do espirito e dos livros que eu apenas conhecia de lh'os vêr citados no DICTIONNAIRE DE L'ARGOT PARISIEN, por Lorédan Larchey, Paris, 1872. Ella é authoridade em giria. Antonio Augusto achava-lhe talento, e ia jantar com ella. O escriptor morreu; e a snr.ª Rattazzi celebra d'est'arte a memoria do seu panegyrista e hospede:

«*Antonio-Augusto Texeiro de Vasconcellos.* «O Casa nova portuguez [1]. Seria de mais cha-

---

[1] Quem houver lido as MEMORIAS DE CASA NOVA, um patife no genero Lovelace peorado, tem comprehendido a crueza da comparação.

«mar-lhe celebre, mas notavel por muitas dis-
«tincções, sim. A primeira pelos grossos escan-
«dalos que datam já de Coimbra, onde estuda-
«va; depois por grandes farçolices de que uns
«riam, e outros choravam. Por algumas foi as-
«peramente castigado. O que elle podia melhor
«escrever eram as suas memorias; com certeza,
«tinha com que alvoroçar a curiosidade publi-
«ca. Pensaria n'isso? É provavel que sim, mas
«faltou-lhe o tempo. Como quer que fosse, essas
«memorias só poderiam publicar-se depois d'elle
«morto; se as publicasse em vida, correria o pe-
«rigo de o espatifarem». É uma princeza a es-
crever d'um homem fallecido que a inculcára
litterata distincta no *Jornal da Noite,* mentindo
á gente por um excesso de cavalheirismo fidal-
go que o desculpa, e mais relevante faz resaltar
a ingratidão da leitora do *Casa nova.* Cana-
lhice.

A snr.ª Maria Letizia esteve no Porto, onde
«viu o *lindo riacho, Rio de Viela* que atravessa

diversas ruas»; conversou com a snr.ª *Alveolos*, ingleza gorda que, por signal, a não percebeu. Conta-nos — digno Plutarcho — a biographia da estalajadeira do *Francfort*, e viu a confraria dos *Pénitents rouges a descer da collina para o rio, e parar com tochas accesas á porta d'uma casa mourisca com vidraças coloridas, e paredes esmaltadas de adobes azues*. Que diabo de visão! O Hoffmann não veria isto no Porto sem beber muito de 1815. Os *penitentes vermelhos!*

Tambem esteve em *Cedeifata* e no palacio de crystal, acompanhada *par le savant docteur Ricardo Costa*. É admiravel como ella, n'um lance d'olhos, apanhou as linhas intellectuaes e scientificas do senhor doutor Ricardo Costa! Quantas pessoas andam duzias de annos á volta d'um sabio sem o penetrar!

Na carta XXIII, esta mirifica epistolographa mette a riso a nossa pronuncia nacional, os sons nasaes, as desinencias em *oês* e em *aô*, que se pronunciam *ouenche, anhon* «com um accento

«violento de nariz que só bem póde imitar-se pe-
«gando n'este appendice com a mão toda para
«bem proferir o *portugaison*». Sim, elle é preciso pegar no appendice para bem pronunciar o *portugaison*.

Vence-me o tedio; mas não me punge o remorso de ter lido 415 paginas. Tenho, porém, vergonha de que um ou outro portuguez, desnacionalisado por despeitos pessoaes e politicos, se compraza de vêr os seus conterraneos enxovalhados pela snr.ª Rattazzi.

Esta creatura, se em vez dos *puffs* usasse calças e voltasse a Portugal, de certo acharia quem lhe désse umas. Tem por si o arnez da fragilidade, posto que as senhoras um pouco durazias, e por isso menos quebradiças, devem ater-se menos á irresponsabilidade das qualidades vidrentas. Em todo o caso, a gente admira-se, porque esta especie de extravagancia não

é vulgar, e só póde perdoar-se ao talento que a snr.ª Rattazi não professa. Tenha paciencia. É uma patarata, *a ragged woman,* com uns quindins de *mauvais aloi,* trescalando a *boudoir-Lenclos,* com umas guinadas de *verve,* barrufadas de *clicot frappé.* De resto, é uma princeza que nos faz lembrar, quanto aos seus diplomas principescos, a rainha Jacintha de negra memoria, e quanto aos seus morgadios realengos não nos parece mais donataria que a illustre senhora da ilha das Gallinhas. Em conclusão: o seu livro não é cano de escorrencias muito nauseabundas, nem é canal de noticias uteis, tirante a dos hoteis infamados de persevejos; não é pois cano, nem canal; mas é canudo, porque custa sete tostões; e — vá de calão — como troça e bexiga, é caro.

LIVRARIA DE ERNESTO CHARDRON

PORTO E BRAGA

Visconde de Benalcanfôr

SCENAS DE VIAGEM:

Na Italia. 1 vol................ 500
De Lisboa ao Cairo. 1 vol..... 600

Alberto Pimentel

Guia do viajante nos caminhos de ferro — De Lisboa ao Porto — Do Porto a Braga — Do Porto a Penafiel — Do Porto á Povoa de Varzim. — 1 bonito volume, com uma elegante cartonagem e um mappa de Portugal. 700

Tito de Noronha

Passeios e digressões. 1 vol....... 400

Julio Verne

Vinte mil leguas submarinas. 2 v. 1$200
Aventuras de tres russos e tres inglezes na Africa austral. 1 vol...... 600
Viagem ao centro da terra. 1 vol. 600
Viagem ao redor do mundo em oitenta dias. 1 vol.................... 600
Heitor Servadac. Viagens e aventuras através do mundo solar. 2 vol... 1$200
A terra das pelles. 2 vol....... 1$200
O Chancellor. 1 vol............. 600
A ilha mysteriosa. O abandonado. 1 volume......................... 600
Uma cidade fluctuante. 1 vol... 600
Miguel Strogoff ou o correio do czar. Um drama no Mexico. 2 vol. 1$200
Cinco semanas em balão. 1 vol. 600
Os filhos do capitão Grant. America do Sul. 1 vol.................... 600
Australia meridional. 1 vol...... 600
O Oceano Pacifico. 1 vol........ 600
O descobrimento prodigioso e suas incalculaveis consequencias para o futuro da humanidade. 1 vol... 600
Viagens e aventuras do capitão Hatteras. Os inglezes no polo do norte. O deserto de gelo. 1 vol......... 1$000
Da terra á lua. 1 vol.......... 600
O segredo da ilha. 1 vol........ 600
Ao redor da lua. 1 vol......... 600
Os naufragos do ar. 1 vol........ 600
As Indias Negras. 1 vol......... 600
O abandonado. 1 vol............ 600
America do Sul. 1 vol.......... 600
Descoberta da terra. Grandes viagens e grandes viajantes. 1 vol....... 600
O doutor Ox. Mestre Zacharias. Uma invernada no gelo. Um drama nos ares. 1 vol.................... 600

Julio Cesar Machado e Pinheiro Chagas

Fóra da terra. Caldas da Rainha — Festas da Nazareth — Leiria e Marinha Grande — Cintra — Bussaco — Bom Successo — Paço d'Arcos — Espinho. 1 vol............................ 500

Conego Alves Mendes

Italia. 1 grosso vol.............. 1$500

Gustavo Aymard

OS DRAMAS DO NOVO MUNDO

PRIMEIRA SERIE

Os caçadores do Arkansass. — Os vagabundos das fronteiras. — Os franco-atiradores. — O coração leal. 2 volumes........................... 1$280

SEGUNDA SERIE

O grando chefe dos Aucas. 1 vol. 700
O farejador de pistas. 1 vol..... 300
Os piratas das planicies. 1 vol. 300
A lei de Lynch. 1 vol.......... 400
Os flibusteiros. 1 vol........... 300
A febre d'ouro. 1 vol........... 300
Curumilla. 1 vol................. 300
Valentim Guillois. 1 vol......... 300

TERCEIRA SERIE

Os outlaws do Missuri. 1 vol... 320
Bala-Franca. 1 vol.............. 400
O explorador. 1 vol............. 500

Ponson du Terrail

ROCAMBOLE

OS DRAMAS DE PARIS

A herança mysteriosa. 6 vol.
O Club dos Valetes de Copas. 10 vol.
As proezas de Rocambole. 10 vol.
A desforra de Baccarat. 3 vol.
Os cavalleiros do luar. 5 vol.
O testamento de Grão de Sal. 6 vol.
A resurreição de Rocambole. 12 vol.
A ultima palavra de Rocambole. 15 vol.
As miserias de Londres. 10 vol.
As demolições de Paris. 5 vol.
A corda do enforcado. 5 vol.
Maravilhas do homem pardo. 8 vol.

95 volumes, 9$500